

EMPREENDEDORISMO POR NECESSIDADE: O DESEMPREGO COMO IMPULSIONADOR DA CRIAÇÃO DE NOVOS NEGÓCIOS NO BRASIL

Vânia Maria Jorge Nassif¹
Alexandre Nabil Ghobril²
Derly Jardim do Amaral³

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo investigar a influência do desemprego no empreendedorismo brasileiro, bem como,

1. Vânia Maria Jorge Nassif é psicóloga pela FFCL-USP, mestre em Educação e doutora em Administração pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, É também, professora e coordenadora do Núcleo de Empreendedorismo da UPM e professora colaboradora do Programa de Mestrado Profissional da Faculdade Campo Limpo Paulista – FACCAMP. E-mail: vania.nassif@uol.com.br

2. Alexandre Nabil Ghobril é engenheiro, mestre em Administração pela FGV e doutor em Administração pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, é professor e coordenador do Núcleo de Inovação Tecnológica da UPM. E-mail: ghobril@uol.com.br

3. Derly Jardim do Amaral é psicólogo, mestre em Administração pela Universidade Metodista e doutor em Administração pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, é professor e pesquisador do Núcleo de Empreendedorismo da UPM. E-mail: dj.amaral@uol.com.br

mostrar alguns fatores que agem como motivadores na atitude de empreender. Dentro do cenário econômico atual de globalização e alta competitividade, a atividade empreendedora tem se mostrado como uma das mais importantes forças impulsionadoras e estimuladoras de mudanças econômicas e sociais. O relatório GEM 2007 estima que cerca de 460 milhões de pessoas, em todo o mundo, estão envolvidas com empreendedorismo e o Brasil como um dos países com maior número de empreendedores no mundo (9º lugar em 2007; 1º lugar em 2000) e, por outro lado, que a sustentabilidade destes empreendimentos, apresenta-se, na atualidade, menos frágil se comparado com o ano de 2000, na medida em que, segundo o SEBRAE (2007), 53% das empresas fecham antes de completar os primeiros cinco anos de existência, enquanto que em 2000 esse número era de 70%. Este grau de mortalidade representa um enorme desperdício de capital de nossos empreendedores. Sendo assim, na presente pesquisa questionou-se a existência da relação entre o desemprego e o empreendedorismo. A pesquisa foi de natureza exploratória e utilizou-se o método qualitativo. Como instrumento de coleta de dados, elegeu-se a entrevista e os dados foram tratados por meio de análise de conteúdo. Os respondentes foram escolhidos por serem empreendedores que iniciaram seus empreendimentos a partir de uma situação de desemprego. Depreendeu-se com os resultados da pesquisa que o desemprego somado a um conjunto de outros fatores exerce uma influência considerável no empreendedorismo brasileiro.

Palavras-chave

Empreendedorismo, desemprego, empreendedor, empreendedorismo por necessidades.

Abstract

This work aims to investigate the influence of unemployment on Brazilian entrepreneurship, and show some factors that act as motivators in the attitude to take. Within the current economic scenario of globalization and high competitiveness, entrepreneurial activity has been shown as one of the most important driving forces of change and stimulating economic and social. The GEM 2007 report estimates that some 460 million people in the world are involved in Brazilian entrepreneurship. It is one of the highest numbers of entrepreneurs in the world (9th place in 2007; 1st in 2000). Moreover;

the sustainability of these ventures is less fragile compared with 2000's year. According to SEBRAE (2007), 53% of businesses close before complete the first five years of existence, while in 2000 this figure was 70%. This level of mortality is a huge waste of entrepreneurs' capital. Thus, this study questioned the existence of relationship between unemployment and entrepreneurship. The research was exploratory and had qualitative method. As data collection instrument, were chosen interviews and the data was processed by using content analysis. The respondents were chosen due to the entrepreneur profile that started their businesses from a situation of unemployment. The research results of unemployment combined with a number of other factors has an influence on Brazilian entrepreneurship.

Keywords

Entrepreneurship, unemployment, entrepreneur, entrepreneurship for necessity.

Considerações Iniciais

O conceito de empreendedorismo tem sido muito difundido no Brasil nos últimos anos, intensificando-se no final da década de 1990. Inúmeros motivos podem ser atrelados à popularidade desse conceito e, certamente, a preocupação com a redução da taxa de mortalidade de empresas de pequena dimensão pode ser colocada entre eles. Empresas de pequeno porte, no nosso país, representam para a economia nacional um papel fundamental, por assegurarem o desenvolvimento econômico e social e a estabilidade política da nação.

Por outro lado, o processo acirrado de crescimento e desenvolvimento da economia tem exigido, do lado dos trabalhadores, um diferencial para se tornarem empregáveis. Do lado das organizações, essa exigência perpassa diferentes variáveis e uma das mais preocupantes é a manutenção ou dispensa de empregos.

Quando a opção é pela demissão, muitas vezes ela é coletiva, o índice de desemprego acaba afetando diferentes segmentos da economia e, conforme Bessone (2000) provocando um desperdício de energia e recursos, reduzindo o poder de consumo da população.

No cenário atual de economia globalizada e alta competitividade, a atividade empreendedora tem se mostrado como uma das mais essenciais forças impulsionadoras e estimuladoras de mudanças econômicas (GEM, 2007).

Segundo o relatório *Global Entrepreneurship Monitor* de 2007, mesmo sendo uma iniciativa de tamanha importância, até este momento, o empreendedorismo não tem atraído a atenção suficiente de pesquisadores e de responsáveis por políticas públicas devido à escassez de dados confiáveis que possam ser comparados no âmbito internacional. Embora muitos economistas de renome, que por mais de um século tenham afirmado que o empreendedorismo é uma das mais importantes forças dinâmicas capazes de moldar a paisagem econômica dos dias de hoje, as causas e os impactos desse fenômeno são ainda pouco compreendidas.

Segundo pesquisa apresentada no relatório GEM (2007), o Brasil, como em anos anteriores, demonstrou a grande capacidade empreendedora de sua população ao conquistar a 9^o colocação entre os 42 países que participaram da pesquisa do GEM de 2007. O valor da Taxa de Empreendedores em Estágio Inicial – TEA, para 2007, foi de 12,83, que se comparado com os países que participaram de todas as coletas de 2001 a 2007, pode-se observar que a taxa média brasileira permanece sistematicamente acima da média mundial. Ou seja, segundo o GEM 2007, a população brasileira é em média 87,61% mais empreendedora do que o grupo de países que participaram das edições da pesquisa de 2001 a 2007.

De acordo com Kuratko; Hodgetts (2001), algumas pesquisas têm sido publicadas, buscando superar as limitações do senso comum sobre o tema, repleto de mitos e generalizações. Nelas predominam a idéia de que muitas das características do empreendedor podem ser ensinadas, enquanto outras sequer podem ser compreendidas. Como consequência imediata de tais estudos surgem inúmeras especulações a respeito dos aspectos motivadores da atividade empreendedora.

Oliveira (1995), diz que estudos sobre esse tema mostram que o ambiente familiar e a existência de oportunidade potencial são fatores de forte influência na atitude de empreender. Entretanto, num cenário econômico como o do Brasil, cheio de adversidades e descontinuidades nos parece que grande parte do apelo à atitude empreendedora vem da

necessidade, do instinto de sobrevivência do brasileiro que precisam adaptar-se as situações adversas de uma economia instável, de mudanças rápidas e intensas num ambiente com níveis oscilatórios de desemprego.

No Brasil, vários fatores desencadeiam o crescimento do desemprego. Teixeira (2002) enumera alguns deles, como por exemplo, o crescimento da população jovem e a permanência dos idosos, com uma expectativa de vida aumentada; presença cada vez mais expressiva da mulher no mercado de trabalho, entre outros.

Segundo Mattos (1999), outro fator que influencia o aumento do desemprego no Brasil tem relação com as novas tecnologias. Esse “desemprego tecnológico” pode se dar pela falta de acessibilidade e também de conhecimento tecnológico da população, deixando assim, parte dos menos preparados, fora do mercado de trabalho.

Esse conjunto de reflexões motivou o desenvolvimento desse estudo que visou identificar se o desemprego seria uma variável do empreendedorismo brasileiro. Para tanto uma pesquisa exploratória, foi desenvolvida, utilizando o método qualitativo. O instrumento eleito foi o roteiro de entrevistas, semi estruturado que procurou levantar dados para responder o problema em questão.

Na conclusão procurou-se levantar situações e oferecer sugestões de novos estudos com o intuito de propiciar ações empreendedoras para os órgãos responsáveis pelo desenvolvimento do país tais como o governo, as organizações e também a academia.

O trabalho e o desemprego

Fryer e Payne (1984), dizem que o trabalho pode ser agradável ou desagradável; pode ser associado ou não a trocas de natureza econômica. Trabalho é a somatória de tempo, energia e dedicação pessoal que um homem presta a outro, com vistas a receber em troca uma recompensa financeira ou psicossocial, ou ambas, de tal forma a lhe permitir o atendimento das necessidades pessoais e sociais (Marras, 2001, p. 23). Mendes (apud Gadotti; Gutierrez, 2001) distingue o trabalho em três níveis: estratégia de sobrevivência, estratégia de subsistência e estratégia de vida. Para o autor, o trabalho é uma estratégia de sobrevivência, pontuando que

...a atividade é considerada de emergência, transitória e permite apenas a satisfação das necessidades básicas em termos de simples sobrevivência fisiológica. É estratégia de subsistência quando a atividade permite a satisfação das necessidades básicas, mas não torna possível nenhuma forma de acumulação e crescimento; a opção pode, em conseqüência, manifestar uma maior estabilidade e duração no tempo, embora dificilmente seja assumida como opção permanente. O trabalho é estratégia de vida.

Fryer e Payne (1984) também dizem que trabalho é uma atividade útil, determinada por um objetivo definido além do prazer gerado por sua execução.

Para o IBGE (2007), considera-se como trabalho em atividade econômica o exercício de: ocupação remunerada em dinheiro, produtos, mercadoria ou benefícios na produção de bens e serviços ou no serviço doméstico; ou ocupação econômica sem remuneração na produção de bens e serviços, em ajuda na atividade econômica de membro da unidade domiciliar. Desta forma, fica claro que o trabalho, embora com diferentes conceitos e focos, é uma atividade que pode ter um fim social ou individual, e pode ser ou não ser remunerado.

Outra variável importante a ser considerada para investigar o empreendedorismo e o desemprego é o mercado de trabalho.

Para Marras (2001), mercado de trabalho é o cenário onde se desenvolve a lei da oferta e da procura de mão-de-obra. Nele a empresa procura profissionais para preencher postos de trabalho nos seus quadros, e os profissionais oferecem os seus serviços e a sua força de trabalho para essas mesmas organizações. A movimentação de um mercado de trabalho é fruto de uma dinâmica constante, provocada pela flutuação de variáveis que podem ser de diversas origens e que definem diretamente o comportamento das organizações com relação a mão-de-obra. Olhando para o mercado de trabalho, esta lei de oferta e procura mencionada é facilmente visualizada no dia a dia do país. Por diversos fatores diferentes, o Brasil enfrenta níveis oscilatórios de desemprego. Esta falta de empregos formais tem gerado um alto índice de empregos informais. Segundo o IBGE (2007) são mais de 12 milhões de pessoas trabalhando na informalidade.

Entre o emprego e o desemprego existe uma figura intermediária que não deve ser esquecida nem menosprezada. É o emprego informal, que é sério e preocupante. O emprego informal não é propriamente um trabalho ilegal porque ele não significa ser ilícito, mas não se submete aos parâmetros legais. Sendo assim espalha-se como se não existisse, embora exista e uma das causas reside nos encargos trabalhistas e sociais. São elementos agravantes, por isso o trabalho informal é uma fuga a essa dura contingência (Mendes apud Brossard, 2001, p. 35). Essa autora afirma, ainda, que o processo de globalização econômica mundial resultou num reajuste da economia brasileira e impôs, por si, um grau de automação tecnológica e outros fatores imbricados neste contexto, eliminando parte da mão-de-obra, e assim, os empregos, bem como a substituição de boa parte do emprego formal pelo informal.

Segundo Wilkinson; Mior (1999) o setor informal distingue-se do ilegal pelo fato de os seus produtos não serem proibidos, como no caso de drogas e contrabando. Trata-se de uma atividade cujos processos de produção não se enquadram nos padrões de regulação vigentes. Isto pode se referir às relações de trabalho (sem carteira ou trabalho infantil), às instalações ou às normas de produção. Enquanto no primeiro caso (o ilegal) o órgão repressor apropriado é a polícia, no segundo (o informal) os organismos de fiscalização. O setor informal, portanto, é definido fundamentalmente a partir das normas reguladoras do Estado.

O desemprego tem sido abordado na literatura econômica basicamente de três maneiras, como lembra Paes de Barros; Camargo; Mendonça (1997): a primeira delas refere-se ao desenvolvimento do conceito de desemprego, procurando especificar como este deve ser mensurado; a segunda é a que visa examinar o comportamento da taxa de desemprego agregada e sua relação com outras variáveis macroeconômicas; e, por último, a terceira propõe analisar sua duração e sua estrutura distributiva, isto é, como o desemprego se distribui entre os diversos grupos sociais em que se pode dividir a população economicamente ativa.

O desemprego pode ocorrer de várias formas, de acordo com Gremaud, Vasconcellos e Toneto (2002, p. 106): conjuntural, friccional, estrutural e por avanços tecnológicos. O desemprego cíclico ou conjuntural é advindo de condições recessivas na economia. Quando há uma diminuição na atividade econômica, deve existir uma diminuição da

demanda por trabalho por parte dos empresários. O desemprego friccional é aquele decorrente do tempo necessário para que o mercado de trabalho se ajuste. Assim quando alguém deixa um emprego tendo outro em vista, normalmente entre os dois momentos esse trabalhador encontra-se desempregado. O desemprego estrutural é aquele decorrente de mudanças estruturais em certos setores da economia que eliminam empregos, sem que haja, ao mesmo tempo, a criação de novos empregos em outros setores.

Segundo Caldas (2000), a adoção dos mais diversos métodos de reorganização pelas empresas tem trazido subliminarmente algum tipo de corte de pessoal, ainda que o nome da receita possa variar: reengenharia, *downsizing*, sistemas integrados de gestão, racionalização, fusões, aquisições etc.

Outros argumentos utilizados referem-se a *cortar gorduras*, deixar a empresa enxuta, melhorar performance, assim promovendo a reestruturação produtiva e que provoca profundas alterações nas relações de trabalho e o desemprego tecnológico que, segundo Mattos (1999), pode se dar pela falta de conhecimento tecnológico da população dado que as escolas ensinam aos alunos profissões que estão em extinção ou que os idosos não possuem disposição para assistir aulas. Nestes casos existirão vagas, porém não haverá profissionais qualificados para preenchê-las. Feitas estas considerações, faz-se necessário evidenciar o panorama do desemprego no Brasil.

Segundo Teixeira (2002), dez fatores são fundamentais para a compreensão do desemprego no Brasil. São eles: crescimento da população jovem com exigência de novas frentes de trabalho; permanência de idosos, que tiveram sua expectativa de vida aumentada, no mercado de trabalho; ingresso significativo da mulher de trabalho; presença ainda expressiva de criança no trabalho; transferência da população da área rural para a urbana; impacto da tecnologia de informática na área de serviço e da robótica na área industrial; exigência de maior qualificação; revolução nas técnicas agrícolas, colocando o Brasil em nível competitivo internacionalmente; incidência da terceirização e, trabalho informal.

Estes dez fatores relatados por Teixeira (2002) caracterizam, de forma objetiva, o que é que sustenta este alto índice de desemprego no país. Esta realidade tem deixado muitas pessoas sem perspectivas de futuro ou sem perspectivas de se recolocarem no mesmo nível em

que estavam e um dos motivos pelo fato de se sentirem despreparados (desqualificados) para, novamente, concorrer no mercado de trabalho. Uma das possíveis saídas pode ser o caminho do próprio negócio. A varredura feita sobre desemprego desencadeia na outra variável do estudo que é o empreendedorismo. O empreendedorismo pode ser uma saída do desempregado para se recolocar no mercado de trabalho?

O empreendedorismo e o empreendedor

O empreendedorismo é uma das variáveis deste estudo e vem sendo considerado como um assunto relevante e útil para a sociedade. Seu impacto e influência na economia ainda não são totalmente conhecidos, mas, segundo estudos e pesquisas recentes que buscam desvendar a força motriz deste fenômeno, sinalizam que este será uma grande fonte de mudança dos modos sócio-econômicos atuais. Assim, retomar alguns aspectos do século passado pode contribuir para o melhor entendimento do empreendedorismo sob a vertente do desemprego. Freitas (2000) relata que nas primeiras décadas do século XX, Taylor, considerado o pai da *Administração Científica*, propôs a adaptação do homem à máquina, onde a virtude principal era a obediência a ordens e em consequência houve a proliferação do trabalho desqualificado. Esse sistema foi criado para atender as necessidades de um mercado consumidor em demanda crescente; a produção em série, rigidamente controlada e planejada com o objetivo de evitar falhas na produção. O trabalhador deveria alcançar o grau máximo de rendimento e especialização. O fordismo acentuou ainda mais a divisão, a especialização e a racionalização da força de trabalho com a criação da esteira rolante. Nesta perspectiva o homem era um servo da máquina, e só tinha uma vida após o término do trabalho, sendo expropriado não só dos meios de produção, mas também das suas próprias emoções, dos seus desejos. Desta forma, estes modelos tiveram reflexos não só na linha de produção, mas no modo de viver das pessoas. Outra importante “linha de pensamento”, ressalta Freitas (2000) é o behaviorismo cujo comportamento é explicado através da interação do indivíduo com o ambiente. Outras mudanças que Antunes destaca é a diminuição dos ciclos de produção, mudança de divisão do trabalho, consolidação das tecnologias, polivalência e nível de

conhecimento dos funcionários. Freitas (2000), considera a globalização uma dinâmica predominante no fim do século XX e fator que influencia diretamente o mundo do trabalho.

O tema empreendedorismo e empreendedor receberam suas primeiras definições no arcabouço das ciências econômicas, sendo os economistas os pioneiros a cunharem o termo, em uma perspectiva teórica própria, reconhecendo a figura do empresário/empreendedor como elemento propulsor do desenvolvimento e crescimento econômico.

Complementando a abordagem dos economistas (Cantillon, 1755; Say, 1803 e 1839; Schumpeter, 1954 e 1992), surge o enfoque comportamental (McClelland, 1962 e 1987; Timmons, 1978; Kets de Vries, 1996; Filion, 1999 e 2000; Bouchikhi, 1993) com uma abordagem também explorada pelos pesquisadores, apontando para o empreendedor como o agente social que se comporta e interage com o ambiente de negócios (Naffziger; Hornsby; Kuratko, 1994, Danjou, 2002).

Hisrich (1986) afirma que a história do termo empreendedor (*entrepreneur*) tem origem francesa e quer dizer aquele que assume risco e começa algo novo. O “empreendedor” dizia o economista francês J. B. Say por volta de 1800 transfere recursos econômicos de um setor de produtividade mais baixa para um setor de produtividade mais elevada e de maior rendimento (Drucker, 1987). De acordo com Hisrich (1986), o primeiro exemplo de definição de empreendedorismo pode ser creditado a Marco Pólo que, como empreendedor, assinou um contrato com um capitalista para vender as mercadorias deste. Assim, enquanto Marco Pólo assumia uma postura empreendedora, ativa, correndo riscos físicos e emocionais, o capitalista apenas assumia os riscos de forma passiva. O autor comenta ainda que na idade média o termo era utilizado para definir o indivíduo que gerenciava grandes projetos de produção, porém sem assumir grandes riscos e utilizando recursos disponíveis. No entanto, os primeiros indícios de relação entre empreendedorismo e assumir riscos ocorreram no século XVII. Nesse período, o empreendedor passou a estabelecer acordos contratuais de prestação de serviços ou mesmo de fornecimento de produtos com o governo. Conforme Jean Baptist Say apud Longen (1997) o empreendedor é o responsável por reunir todos os fatores de produção e descobrir no valor dos produtos a reorganização de todo capital que ele emprega, o valor dos salários,

o juro, o aluguel que paga, bem como os lucros que lhe pertencem, ou seja, uma definição de empreendedorismo bem mais centrada nos negócios. Para ele, o julgamento, a perseverança, conhecimento sobre o mundo assim como sobre os negócios e possuir a arte da superintendência e da administração, eram os requisitos primordiais para um empreendedor.

Por volta de 1900, Joseph Schumpeter dá nova conotação ao termo empreendedor, definindo-o como alguém que perturbava e desorganizava a ordem vigente, sendo o agente responsável pela transformação e desenvolvimento econômico. Para o autor, empreendedor é alguém que faz novas combinações de elementos, introduzindo novos processos ou produtos, identificando novos mercados de exportação ou fontes de suprimentos, criando novos tipos de organizações. Existe ainda o termo *intrapreneur* ou intraempreendedor, que de acordo com Pinchot III (1989), é aquele que, mesmo sem deixar a organização em que atua, realiza atos de criação ou inovação típicos de um empreendedor. O que diferencia este último do empreendedor, portanto, é o fato de atuar de forma empreendedora, só que dentro de uma empresa já estruturada. Atualmente, a questão do empreendedorismo corporativo vem com frequência sendo estudado por representar um diferencial relevante para as organizações dentro de um cenário de alta competitividade. Cunningham; Lischeron (1991) propõem que os estudos sobre esta temática sejam categorizados a partir de seis escolas tais como: Escola dos “Grandes Personagens” e Escola das Características Psicológicas cujo interesse é centrado nos estudos dos atributos pessoais; Escola Clássica, em que o interesse se volta para a identificação de oportunidades; Escola da Gestão e Escola da Liderança que são mais focadas em estudos sobre o agir e o gerenciamento dos empreendedores e, Escola do Intra-Empreendedorismo, que analisa os processos de adaptações e de reavaliação dos empreendedores intitulados como corporativos.

Segundo Drucker (1987), os empreendedores estão sempre buscando as mudanças, reagem a ela e a exploram como sendo uma oportunidade, nem sempre vista pelos demais. São pessoas que criam algo novo, diferente, mudam ou transformam valores, não restringindo o seu empreendimento a instituições exclusivamente econômicas. São essencialmente inovadores, com capacidade para conviver com riscos e incertezas envolvidas nas decisões. No entanto, o espírito empreendedor

não é característica da personalidade uma vez que afirma que qualquer indivíduo que necessite tomar uma decisão pode aprender a se comportar de forma empreendedora. Filion (1998) aborda o empreendedor como uma pessoa imaginativa, caracterizada por uma capacidade de fixar alvos e objetivos. Esta pessoa manifesta-se pela perspicácia em detectar as oportunidades potenciais e continua a tomar decisões relativamente moderadas, tendo em vista modificá-las; esta pessoa continua a desempenhar um papel empresarial. Schumpeter (1978) afirma que empreendedor é o responsável pelo processo de destruição criativa. Ele afirma que o empreendedor destrói a ordem econômica existente sendo o impulso fundamental que aciona e mantém em marcha o motor capitalista, constantemente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais, e implacavelmente, sobrepondo-se aos antigos métodos menos eficientes e mais caros.

O termo empreendedorismo tem conotação prática, mas também implica atitudes e idéias. Significa fazer coisas novas, ou desenvolver maneiras novas e diferentes de fazer as coisas (Filion, 1999). O empreendedor é aquele que cria um equilíbrio, encontrando uma posição clara e positiva em um ambiente de caos e turbulência, ou seja, identifica oportunidades na ordem presente (Kirzner, 1973).

Em relação ao empreendedorismo no Brasil, Dornelas (2001) pontua que o mesmo começou a formar seu movimento por volta de 1990 quando foram criadas entidades como o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio a Novas Empresas) e Softex (Sociedade Brasileira para Exportação de Software). Como o ambiente político-econômico do país não era favorável antes desse período, não se falava em empreendedorismo e criação de pequenas empresas; o empreendedor praticamente não encontrava informações para auxiliá-lo.

De acordo com Gina Gulineli Paladino (Diretora da ANPROTEC, Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas) para a grande maioria das pessoas as características empreendedoras do ser humano são inatas, portanto, uma minoria eleita nasceria com esse dom, enquanto uma maioria menos privilegiada teria que se submeter às vontades e ordens de terceiros. Esse pensamento inibe a criação de novos negócios e, não só afeta aos brasileiros, mas o mundo todo. A missão das instituições que incentivam o

empreendedorismo é convencer as pessoas que as características empreendedoras podem ser desenvolvidas através de um aprendizado especial. Para que isso ocorra precisa-se alterar o ensino tradicional, praticado na maioria das escolas e faculdades, para não formarem empregados sem criatividade e distantes das experiências práticas vivenciadas no mundo real. O relatório GEM informa que o Brasil caiu de primeiro colocado em 2000 para nono colocado em 2007. Isso ocorreu não só pela entrada de novos países na pesquisa com altos níveis de empreendedorismo (Tailândia, Chile, Nova Zelândia, Coréia do Sul) como também a redução de investimentos estrangeiros. Outros fatores como o encolhimento dos mercados locais, a instabilidade dos parâmetros econômicos, as incertezas no contexto político, limitações na infra-estrutura básica entre outros, testemunhados nos últimos anos, têm impacto direto na exploração de novas oportunidades e na própria intenção em assumir riscos de difícil cálculo por parte do empreendedor.

Segundo Drucker (1987), o empreendedor vê o conhecimento como um meio para chegar aos fins do desempenho organizacional. Entretanto, o conhecimento, por si só, não garante o seu sucesso. Alguns empreendedores não costumam dar muita importância em aumentar seus conhecimentos. No entanto, com a mudança dos tempos essa desatenção deixa-os fora do mercado e ainda reduz a autoconfiança. Muitos deles afirmam não terem tempo, outros simplesmente não dão valor a aprender, outros ainda acreditam já saber tudo ou pelo menos tudo o que precisam para dirigir seu empreendimento.

Esse autor afirma ainda que o conhecimento não é apenas informação sobre o quê e como as coisas acontecem. É muito mais amplo que inclui todas as técnicas e informações que o empreendedor precisa dominar, fundamental para o bom desempenho de seu negócio, sabedoria, aprendizado, experiência, consciência, discernimento, visão interior, avaliação e lucidez. Nesse sentido, Sheedy (1996) comenta que o conhecimento que o empreendedor precisa não se encontra dentro de quatro paredes. É muito amplo e universal nas formas para estar confinado. Além disso, afirma que o conhecimento está disponível aos concorrentes na mesma medida e quem adquire mais e o usa mais sabiamente é vencedor.

Conhecimentos para empreender

Para Dornelas (2001), todo indivíduo procura reunir conhecimento e idéias que lhes são importantes para desenvolver aquilo que idealiza. O indivíduo concerne para certos tipos de atividades, determinando acúmulo de conhecimento.

Segundo Birley e Whesthead (1992), dentre as diversas características do indivíduo empreendedor, alguns conhecimentos são primordiais, pois implicam nos critérios técnicos relacionados ao negócio, tais como: conhecimento dos aspectos técnicos relacionados com o negócio; experiência na área comercial; escolaridade; experiência empresarial; formação complementar; vivência com situações novas.

Segundo Dolabela (1999), o empreendedor vê nas pessoas uma das suas mais importantes fontes de aprendizado; o empreendedorismo não se prende, com profissionais de algumas áreas, somente às fontes “reconhecidas”, tais como literatura técnica, relatórios de pesquisa, cursos reconhecidos etc. O maior conhecimento do empreendedor se obtém através do acúmulo de aprendizado entre os três níveis hierárquicos de relações, que são descritos abaixo: primário - familiares e conhecidos em torno de uma atividade; secundário - ligações em torno de determinada atividade rede de ligações; terciário - cursos, livros, viagens, feiras e congressos.

Habilidades do empreendedor

Segundo Logen (1997), realizou-se uma pesquisa feita com empreendedores da França, Canadá, Japão e USA, visando entender como os empreendedores percebiam as habilidades necessárias para se buscar o sucesso, sendo elas, identificar novas oportunidades; avaliar oportunidades e pensar criticamente; comunicação persuasiva; negociação; comunicação interpessoal; escutar e adquirir informação; resolução de problemas.

Estas habilidades aparecem com freqüência nas definições de empreendedor e empreendedorismo.

Com base nos achados da literatura pesquisada, depreende-se que entender o empreendedor e o empreendedorismo não é tarefa fácil tendo em vista que, de acordo com Falcone e Osborne (2005), mesmo

pesquisas em profundidade acerca do tema tem um caráter enigmático por serem caracterizadas como multidisciplinares, multinacionais, extensas e de difícil compreensão. Associar esse fenômeno com o desemprego será objeto de estudo da pesquisa de campo.

Procedimentos metodológicos

Este estudo teve por objetivo identificar se o desemprego impulsiona o empreendedorismo brasileiro. Os objetivos secundários da pesquisa procuraram conhecer o conceito de empreendedor segundo os entrevistados; identificar as formas de empreendedorismo vivenciadas pelos entrevistados (se por necessidade ou por oportunidade); identificar quais os motivos que levam um indivíduo a empreender; identificar as principais dificuldades encontradas pelos entrevistados ao empreender; identificar o sentimento dos entrevistados em relação ao desemprego e identificar se o desemprego influencia na ação empreendedora.

Analisando os tipos de pesquisas explicados por Köche (1997), define-se a presente pesquisa como sendo dos tipos bibliográfica e exploratória, pois são as que melhor se enquadram no escopo do trabalho desenvolvido. Em complemento a pesquisa bibliográfica, a pesquisa do tipo exploratória tem como objetivo desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores (Gil, 1999, p. 29).

Nesta pesquisa o método escolhido foi o qualitativo por ser um método que atende de maneira significativa ao problema em questão. A entrevista foi eleita como o instrumento de coleta de dados, procurando identificar se o entrevistado é um empreendedor e qual o estímulo que o levou a empreender.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi elaborado um roteiro de entrevistas semi-estruturado, composto de dados para o levantamento do perfil dos respondentes e de perguntas abertas cujo foco está direcionado para entender os objetivos gerais e específicos, respondendo, assim, o problema da pesquisa. O roteiro de entrevistas foi estruturado em três partes: dados da entrevista, com data e local da entrevista; dados do entrevistado, idade e grau de instrução e por último, doze questões estruturadas a fim de obter as respostas dos respondentes conforme os

objetivos específicos. Todos os entrevistados foram escolhidos por acessibilidade, considerando os critérios estabelecidos para eleger quem seria o empreendedor a ser entrevistado. Assim os critérios eleitos para a escolha foram: profissionais que abriram seus negócios após o período de desemprego; facilidade de acesso para a entrevista.

Doze entrevistas foram concedidas sendo que duas foram gravadas por telefone e as outras 10 foram feitas pessoalmente. O uso de equipamentos para gravação *faz com que a documentação de dados torne-se independente das perspectivas do pesquisador e dos sujeitos dos estudos* (Flick, 2004). As entrevistas foram realizadas no local de trabalho dos entrevistados.

Como a pesquisa é de natureza exploratória cujo método é o qualitativo, os resultados foram tratados por meio de análise de conteúdo, segundo Bardin (1977). De maneira geral, esses dados foram categorizados de forma a refletir o pensamento subjacente dos entrevistados acerca do tema em estudo.

Resultados e análise dos dados

Perfil dos entrevistados

Participaram desta entrevista 12 pessoas, sendo 10 do sexo masculino e 2 do sexo feminino. A faixa-etária dos entrevistados variou de 24 a 59 anos, obtendo uma média de 46 anos. A escolha desse grupo se deu por acessibilidade tendo como critério buscar empreendedores que desenvolveram seus negócios em função do desemprego.

O grau de instrução do grupo analisado é bastante diversificado, variando desde entrevistados com primeiro grau incompleto até com superior completo.

Verificou-se que a maioria dos entrevistados apresenta escolaridade com bom nível de instrução, ou seja, cerca de 59% possui superior completo e 17 % superior incompleto. Os demais apresentam nível de instrução entre o nível fundamental e médio.

Quadro 1 – Grau de instrução dos entrevistados e área de especialização

E1	Superior incompleto	Adm. Empresas	E7	Superior completo	Filosofia
E2	Superior completo	Psicologia	E8	Superior completo	Adm. Empresas
E3	Superior completo	C. Contábeis	E9	Ensino Médio	
E4	Ensino Médio Incom.		E10	Superior completo	Adm. Empresas
E5	Superior completo	Econ. e Análise de Sistemas	E11	Superior incompleto	Adm. Empresas
E6	Superior completo	Economia	E12	Ens.Fund. Incomp.	

Fonte: Organizado pelos autores

Os dados do Quadro 1 sugerem que possivelmente a área de formação e também o grau de instrução não interferem na ação empreendedora. A seguir será relatado o tipo de empresa, localidade e o tempo do empreendimento de cada um dos entrevistados.

Quadro 2 – Tipos de empresa, localidade e tempo de atividade

Participantes	EMPRESAS	Localidade	Tempo de atividade
E1	- Empresa de contagem de estoque	São Paulo	3 anos
E2	- Consultório de psicologia	São Paulo	5 anos
E3	- Escritório de contabilidade	São Paulo	12 anos
E4	- Indústria de componentes para esquadrias	Curitiba	30 anos
E5	- Plataforma de corretores de seguro	São Paulo	1 ano
E6	- Assessoria contábil	São Paulo	12 anos
E7	- Sebo de livros	Santos	11 anos
E8	- Serviços de limpeza in company	S. Bernardo Campo	15 anos
E9	- Distribuidora de resinas plásticas	São Paulo	8 anos
E10	- Empresa de informática	São Paulo	2 anos
E11	- Distribuidora de doces	São Paulo	5 anos
E12	- Farmácia	São Paulo	> de 1 ano

Fonte: Organizado pelos autores

As empresas pesquisadas cujos empreendedores foram os respondentes da pesquisa são diversificadas em relação ao ramo de trabalho e localidade. O tempo de atividade também foi outra variável levantada, demonstrando uma variação de menor que 1 ano até 15 anos de sobrevivência.

A seguir, a análise dos resultados se pautará pelos objetivos específicos orientadores desta pesquisa.

Análise dos Dados

O primeiro objetivo específico visou conhecer: *o conceito de empreendedor segundo os entrevistados*. Os entrevistados possuem conceitos diversos a respeito do que caracteriza conceitualmente o empreendedor.

De maneira geral, as percepções mais relevantes sobre o conceito de empreendedor pelos entrevistados nesta pesquisa foram assim agrupadas:

Quadro 3 – Conceito de Empreendedor na percepção dos Entrevistados

É aquele que aceita o desafio de materializar um sonho.
Acredita no que faz e corre atrás de seu sonho.
É aquele que não se satisfaz trabalhando como empregado.
É quem busca novos negócios, mercados, persegue a inovação.
Destaca-se por ser capaz de realizações notáveis, independente do acesso a recursos.
Busca caminhos próprios e cria alternativas para ganhar o dia-a-dia a sua maneira.

Fonte: Organizado pelos autores

Estes conceitos são recorrentes na literatura e, de certa forma, retratam as experiências individuais de cada um dos participantes.

O segundo objetivo específico visou *identificar as formas de empreendedorismo vivenciadas pelos entrevistados (se por necessidade ou por oportunidade)*. Ou seja, a motivação para a ação empreendedora como fator relevante para compreender a evolução da realidade empreendedora do Brasil.

Observou-se, pelos relatos, a visão desses empreendedores e o que eles consideram como influência para empreender no Brasil. Dentre os entrevistados, E1, E2, E3, E5, E9, E10, E11 e E12 colocaram a necessidade como principal fator para motivar o início de um empreendimento.

Alguns destaques:

“A falta de emprego foi o incentivo, o ponta pé inicial para nós montarmos a empresa” [E1];

“...aconteceu comigo que eu fiquei desempregado e na ocasião eu não consegui arrumar um emprego que me desse a mesma posição, o sustento de minha família. Se eu fosse em outro emprego eu iria ter que abaixar muito meu nível de vida, então foi onde partir para o negócio próprio” [E3];

“Se não fosse o desemprego não teria ido atrás do meu negócio” [E11];

Por outro lado E4, E6, E7 e E8 colocaram a oportunidade com fator importante, em conjunto sempre com a necessidade quando questionados sobre o que os motivou a abrir o seu próprio negócio:

Assim observa-se que entre estes respondentes, quatro dos entrevistados empreenderam por oportunidade e os outros oito por necessidade.

Segundo o GEM (2007), o Brasil é notório por sua desigualdade social, que, embora tenha apresentado melhoras nos tempos recentes, ainda é uma das mais acentuadas do mundo. Essencialmente, a maior participação de empreendedores por oportunidade sinaliza que o ambiente econômico está favorável. Estudos revelam que após o choque abrupto em 2001 sobre a economia mundial, inclusive a brasileira, cresceu acentuadamente a atividade empreendedora por necessidade em proporção à atividade empreendedora total. Assim, as atividades empreendedoras por oportunidade no Brasil tiveram os seguintes percentuais: 2001 – 59,97%; 2002 – 42,75%; a partir de 2003 a atividade retoma o crescimento ano a ano, até atingir em 2007 o valor de 56,84% da população total empreendedora no Brasil (GEM, 2007).

Assim, este relatório pontua que os empreendedores são motivados pela oportunidade, quando estão tratando de desenvolvimento de novos produtos, processos ou serviços, de abertura de novos mercados, de adaptação de conceitos novos para o mercado local.

Já empreendedores motivados pela necessidade são aqueles que alegam estar empreendendo por não conseguirem renda.

Empreendedores motivados por oportunidade predominam em países desenvolvidos enquanto que empreendedores motivados por necessidade representam mais que a metade daqueles envolvidos em empreendedorismo nos países em desenvolvimento.

O terceiro objetivo específico visou *identificar os motivos que levam uma pessoa a empreender*.

Após a leitura e releitura das entrevistas transcritas, observou-se que, dos entrevistados, embora dentro das particularidades decorrentes da trajetória de cada um, existem fatores motivadores comuns. Para efeito de uma melhor compreensão do desenvolvimento do problema abordado nessa pesquisa, categorias de respostas foram organizadas e são elas: demissão; dificuldade em recolocar-se no mercado; necessidade; reação às situações adversas; desejo de crescimento; acreditar no seu próprio potencial e conhecimento; ambiente familiar; busca do sonho; desejo de trabalhar por conta própria; oportunidade.

Estes conjuntos de respostas refletem de maneira clara, que os fatores são diversos e estão diretamente relacionados com a experiência de cada um.

Os entrevistados indicaram as principais dificuldades para se iniciar um novo negócio no mercado atual. Alguns entrevistados relatam fatores semelhantes, mesmo que seus negócios sejam de áreas totalmente distintas, alguns pontos foram citados igualmente pelos entrevistados, outros foram detalhes únicos de seu mercado ou área de atuação que acabaram por dificultar o início de seu negócio.

Após a análise de suas repostas conseguiu-se identificar que as maiores dificuldades para se iniciar um novo negócio na perspectiva dos entrevistados estão inseridas no Quadro 4.

Quadro 4 – Grandes dificuldades encontradas ao iniciar o empreendimento

Falta de capital para iniciar o projeto
Falta de crédito no mercado
Falta de conhecimento no ramo do negócio aberto
Dificuldade para divulgação inicial das empresas aos seus clientes
Falta de experiência na administração do negócio
Escassez de clientes
Burocracia para abertura da empresa e manutenção legal da mesma
Falta de conhecimento legal
Falta de incentivo de aprendizado para as regras do mercado
Forte concorrência e dificuldade de competir com os grandes
Falta de contato e crédito com os fornecedores

Fonte: Organizado pelos autores

Esses resultados evidenciam que as dificuldades mais reveladoras estão concentradas na dificuldade de conquistar capital para iniciar projetos, estabelecer network com fornecedores e conquistar clientes, a falta de incentivo de aprendizado para lidar com o mercado e aprender a competir dentro dele, além de vivenciarem experiências novas com pouco conhecimento do ramo de atividade escolhido. Fatores influentes são também a burocracia associada à falta de conhecimento da legislação que rege o trabalho.

O objetivo 5 procurou identificar *os sentimentos dos entrevistados no período em que os mesmos estavam sem emprego*.

Os entrevistados relataram sentimentos diversos no período em que ficaram sem emprego. Estes sentimentos são, geralmente, de caráter emocional, voltado para aspectos relacionados à aceitação ou rejeição da família, dos amigos ou mesmo da sociedade.

Estes dados corroboram com o que os especialistas no assunto, dizem sobre o sentimento dos desempregados. Carmo (1992) compreende o sentimento que o desemprego desperta em quem o vivencia.

Os sentimentos mais relevantes evidenciados nesta pesquisa estão no Quadro 5.

Quadro 5 – Sentimentos relacionados ao desemprego

Falta de perspectiva
Sentimento de rejeição
A sensação de impotência
Período difícil e de reflexão.
Período de superação para não fracassar mais.
Sensação de portas que se fecham.
Desamparo

Fonte: Organizado pelos autores

Os sentimentos apontados no Quadro 5 revelam a dor e o sofrimento de que está vivenciando situações de total desamparo, rejeições, sensação de impotência frente ao fenômeno e a falta de perspectiva sem esperança de encontrar apoio ou mesmo uma luz para sobrepor essas dificuldades.

De maneira geral, os dados revelados nesta pesquisa permitiram evidenciar o quanto o desemprego afeta, não somente o empreendedorismo, mas, também, os aspectos emocionais e sociais daqueles que passam pela experiência.

Por outro lado, ficou evidente que dos doze empreendedores que empreenderam após uma situação de desemprego, onze pontuaram que este fator foi um dos motivadores para sua atitude de empreender.

Considerações Finais

Relevância do tema escolhido

No mundo atual, com a tecnologia evoluindo cada vez mais rápido e com as empresas e o mercado exigindo mais eficiência e eficácia, a atividade empreendedora tem-se mostrado como uma das principais forças impulsionadoras de mudanças econômicas. Mesmo sendo uma atividade de tamanha importância, os impactos deste fenômeno na sociedade, ainda são muito mal compreendidos. Se observar os apontamentos de Keynes (1930), Schumpeter (1942) e Timmons (1989), fica evidente que, à luz desses autores, o empreendedorismo em países industrializados geraram mais trabalho e riqueza que em países em desenvolvimento, a exemplo do Brasil, Peru Bolívia, conforme o GEM (2007). Esse relatório evidencia que a atividade empreendedora no crescimento econômico de um país depende da motivação dessa atividade e que os empreendedores por oportunidade têm maior impacto sobre o crescimento econômico de um país, porque eles, melhor preparados, desenvolvem mais negócios baseados em inovações e novas tecnologias e muitos desses negócios têm grande potencial de “crescimento sustentado” (Degen, 2008).

A contrapartida também fica evidente quando se observa que os empreendedores por necessidade têm pouca influência no crescimento da economia de um país, sobretudo pela ausência de inovação e tecnologia no empreendimento, caracterizando um retardamento no desenvolvimento econômico-social, ampliando a atividade informal e sem estrutura.

Além da expansão dessa atividade informal, dados oficiais revelam que o Brasil vive também a difícil realidade do desemprego que vem aumentado significativamente com a crise iniciada em 2003.

Observa-se que as pessoas estão necessitando buscar alternativas para o desemprego e o empreendedorismo passa a ser visto, muitas vezes, de maneira enviesada; forma de sobrevivência desse grupo de pessoas.

Achados sobre os resultados da pesquisa

Com base nos objetivos desse estudo, ficou evidente ao empreendedor a falta de perspectiva; sentimento de rejeição; sensação de impotência frente às situações vivenciadas, a sensação de viver um período difícil e de reflexão, necessitando procurar meios para superação com o intuito de não fracassar mais e a total sensação de portas que se fecham e o desamparo.

Não é apenas um fator isolado que determina a ação de empreender e sim um conjunto de fatores que estimulam o fenômeno e esses foram identificados, tais como: reações às situações adversas; desejo de crescimento; acreditar no seu próprio potencial e conhecimento; ambiente familiar; busca do sonho; desejo de trabalhar por conta própria e a percepção de oportunidade para empreender.

Essas evidências abrem perspectivas para se discutir soluções, tanto para frear o desemprego, como para ampliar a ação empreendedora com vistas geração de riqueza e crescimento econômico-social para a população. O papel da educação no cenário brasileiro e o investimento nessa arena se tornam imperativos para a redução da pobreza e da desigualdade social, bem como para dar um encaminhamento ao desemprego e abrir perspectivas de oportunidades de geração de emprego e renda.

Esses pontos suscitam o desenvolvimento de outras pesquisas com o objetivo de encontrar dados e, por meio deles, novas informações que levem a propor soluções para investimentos de ordem socioeconômico e cultural.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- BARDIN, Lourence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edição 70, 1977.

- BARROS, Ricardo Paes de; CAMARGO, José Mario; MENDONÇA, Rosane. *A estrutura do desemprego no Brasil*. Rio de Janeiro: IPEA, 1997.
- BESSONE, Fernando. *Nem tanto nem tão pouco*. São Paulo: Rumos, 2000.
- BIRLEY, Sue.; WESTHEAD, Paul.(.). *Entrepreneurship and regional development*. Nova York: Book Grow, 1992.
- BRIEF, Artur Paul; NORD, Walter. *Meaning of occupational work*. Toronto: Lexington Books, 1990.
- CALDAS, Miguel Pinto. *Demissão – Causas, efeitos e alternativas para empresa e indivíduos*. São Paulo: Atlas, 2000.
- CARMO, Paulo Sérgio do. *A ideologia do trabalho*. 7 ed. São Paulo: Moderna, 1992.
- CUNNINGHAM, J. Barton; LISCHERON, Joe. Defining entrepreneurship. *Journal of Small Business Management*, v.29, n.1, jan., 1991
- DANJOU, Isabelle. L'Entrepreneuriat: Un champ fertile à la recherche de son unité. *Revue Française de Gestion*, 28: 109-125, 2002.
- DEGEN, Ronald Jean. Empreendedorismo: Uma filosofia para o desenvolvimento sustentável e a redução da pobreza. *Revista de Ciências da Administração*, v. 10, n. 21, p. 11-30, mai./ago., 2008
- DOLABELA, Fernando. *O segredo de Luísa, uma idéia, uma paixão e um plano de negócios: como nasce o empreendedor e se cria uma empresa*. São Paulo: Cultura, 1999.
- DORNELAS, José Carlos. *Empreendedorismo: transformando idéias em negócios*. Rio de Janeiro: Campus, 2001
- DRUCKER, Peter. *Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios*. São Paulo: Pioneira, 1987.
- FALCONE, Thomas; OSBORNE, Stephen. Entrepreneurship: a diverse concept in a diverse world. *Anais do IberoAcademy Academy of Management*. Faculdade de Economia. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, Portugal, 1: 8-11, 2005.
- FARREL, Larry. *Entrepreneurship: Fundamentos das organizações empreendedoras*. São Paulo: Saraiva, 1993.
- FILION, Louis Jacques. From entrepreneurship to entreprenology. In: USASBE Annual National Conference – Entrepreneurship : *The Engine of Global Economic Development*. SanFrancisco. Proceedings. Disponível em: <<http://www.usasbe.org/knowledge/proceedings/1997/p207Filion.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2006.
- FILION, Louis Jacques. Two Types of Entrepreneurs: the operator and the visionary: consequence for education. Rencontres de St. Gall, Sep 1998. Swiss Research Institute of Small Business and Entrepreneurship at the University of St. Gallen. In: Pleitner, H. J. (ed). *Renaissance of SMEs in a Globalized Economy*, 12: 261-270, 1998.

- FILION, Louis Jacques. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração*, 34: 05-28, 1999.
- FILION, Louis Jacques. Empreendedorismo e gerenciamento: processos distintos, porém complementares. *RAE – Revista de Administração de Empresas*. São Paulo: EAESP / FGV, 7: 2-7, 2000.
- FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FREITAS, Raquel de. *O trabalhador desempregado diante do caos e do sofrimento psíquico: O despertar do avesso*. Franca: Dissertação de mestrado da Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP, 2000.
- FURTADO, Celso. *O Capitalismo global*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM), Swiss Executive Report 2007, site www.gemconsortium.org.
- GERBER, Michael. *O mito do empreendedor: como fazer de seu empreendimento um negócio bem sucedido*. São Paulo: Saraiva, 1996.
- GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GRACIOSO, Francisco. *Grandes sucessos de pequena empresa: histórias reais*. Brasília: SEBRAE, 1995.
- GREMAUD, Armaury Patrick; DE VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de; TONETO, Rudinei Junior. *Economia brasileira contemporânea*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HISRISH, Peter. *Entrepreneurship, intrapreneurship, and venture capital: the foundations of economic renaissance*. Lexington: Lexington Book, 1986.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Extraído do site : www.ibge.gov.br. Acessado em 23 de março de 2007.
- KETS DE VRIES, Manfred. *Liderança na empresa: como o comportamento dos líderes afeta a cultura interna*. São Paulo: Atlas, 1996.
- KEYNES, John Maynard. *Economic Possibilities for our Grandchildren (1930) in Essays in Persuasion*. London: Macmillan, 1931.
- KIRZNER, Israel Meir. *Competition and Entrepreneurship*. University of Chicago Press, 1973.
- KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos de metodologia científica – teoria da ciência e prática da pesquisa*. 17. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- KURATKO, Donald F.; HODGETTS, Richard M. *Entrepreneurship- a contemporary approach*. Orlando: Harcourt College, 2001.
- LONGEN, Márcia Terezinha. *Um modelo comportamental para o estudo do perfil do empreendedor*. Dissertação de mestrado em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.
- MARRAS, Jean Pierre. *Relações Trabalhistas no Brasil*. São Paulo: Futura, 2001.

- MATTOS, Antonio Carlos. Empregos e empresas que mudarão com a Internet. RAE – *Revista Administração de Empresas* FGV, São Paulo, V. 39 n.3. Jul./Set., 1999
- McCLELLAND, David. *A sociedade competitiva: realização e progresso social*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.
- MENDES, Mariângela Finotti Ribeiro. *O mercador de rua – Trabalho, cotidiano e perspectivas*. Franca: Dissertação de mestrado da Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP, 2001.
- MORIN, Estelle Marinoff. Os sentidos do trabalho. RAE – *Revista Administração de Empresas*, FGV, Volume 41 n.3. Jul./Set., 2001
- OLIVEIRA, Marco Antonio. *Valeu! Passos na trajetória de um empreendedor*. São Paulo: Nobel, 1995.
- PINCHOT III, Gifford. *Intrapreneuring – porque você não precisa deixar a empresa para tornar-se um empreendedor*. São Paulo: Harbra, 1989.
- SANTOS, Antonio Raimundo dos. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- SCHUMPETER, Joseph Alois. *The theory of economic development*. Oxford: University Press, 1978.
- SCHUMPETER, Joseph Alois. *Capitalism, Socialism and Democracy*, Harper and Brothers, New York, 1942.
- TEIXEIRA, Aníbal. *Geração de emprego e renda*. Belo Horizonte: Instituto JK, 2002.
- TIMMONS, Jeffrey Andy. *The Entrepreneurial Mind: Winning Strategies for Starting, Reviewing and Harvesting*, Brick House Publishing, Amherst, 1989.
- TIMMONS, Jeffrey Andy. Characteristics and role demands of Entrepreneurship. *American Journal of Small Business*, 78: 5-17, 1978.
- WILKINSON, John; MIOR, Luiz Carlos. Setor informal, produção familiar e pequena agroindústria: interfaces. *Estudos Sociedade e Agricultura*. N. 13, 1999.

Recebido em: março de 2009

Aprovado para publicação em: maio de 2009